

Contribuição da pesquisa de estado do conhecimento do campo comunicação e educação no contexto escolar¹

NUNES, Rosane da Silva²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Resumo

A percepção de educadores e de comunicadores sobre os meios de comunicação como outro lugar de saber e da busca por novas leituras de mundo na escola motivou o desenvolvimento de estudos sobre a convergência entre as duas áreas, resultando no processo de construção epistemológica do campo comunicação/educação. Esse trabalho traz reflexões sobre a interface entre essas áreas e apresenta resultados do cruzamento de dados advindos de pesquisas sobre o estado do conhecimento do campo, tendo como foco a educação formal.

Palavras-chave: comunicação; educação; estado do conhecimento.

Introdução

A relação entre comunicação e educação permeia o uso e apropriação das mídias, sendo basicamente constituída a partir de dois aspectos: os fatores que caracterizam o modo de produção, circulação e consumo dessas mídias e os elementos que determinam um dado processo educacional. Assim, o tipo de relação entre comunicação e educação resulta da natureza do processo comunicacional no que tange aos objetivos e conteúdos deste e da forma ou concepção de educação praticada por aqueles que participam ou promovem esse processo. No entanto, independente do grau ou da natureza da aproximação entre as duas ações, comunicar e educar são atos complementares porque constituintes dos percursos de formação social, sendo esta uma percepção compartilhada por educadores e comunicadores no cotidiano do mundo vivido e afirmada por intelectuais de relevante contribuição aos dois campos, tais como Theodor Adorno (1995), Henry Giroux (1983, 1999), Celestin Freinet (1998), Paulo Freire (1998, 2006), Mario Kaplun (1999, 2002), Jesus Martin-Barbero (2014), Ismar

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), professora de Jornalismo na Universidade Federal do Cariri (UFCA).

Soares (2011), Adilson Citelli (2009), Cecilia Peruzzo (1999), Maria Aparecida Baccega (1998, 2009), Muniz Sodré (2012) e outros que contribuíram para a tradução desse estreito vínculo no campo científico.

Ainda quanto aos fatores que caracterizam a relação entre as duas áreas, é necessário destacar a influência do olhar do pesquisador, se parte do ambiente escolar ou de fora dele, ou seja, se trata da educação formal, não formal ou informal, as quais, segundo classificação de Gohn (2006) referem-se, respectivamente, àquela promovida dentro da escola seguindo parâmetros bem definidos de currículo; a que se desenvolve nos processos de compartilhamento de experiências ocorridos nos processos interativos intencionais criados, geralmente, por entidades dos movimentos sociais e àquela que acontece no desenrolar do processo cotidiano de socialização do indivíduo no bairro, na igreja ou em outros espaços de convívio social - reais ou virtuais, posto que, segundo Santos (2016), na Internet ocorrem fluxos comunicativos criadores de sociabilidades na escola. O Plano Nacional de Educação para os Direitos Humanos (BRASIL, 2007) entende que os meios de comunicação podem ser espaços de educação não-formal, o documento orienta ações para que esses veículos exerçam essa missão.

A depender de como se classifica o ato de educar, pode variar o fenômeno comunicacional a ele relacionado. No caso da educação formal, ocorrem desde a comunicação que se estabelece na interação entre as pessoas ou grupos que fazem a escola – seja do ponto de vista organizacional ou interpessoal, ao uso das mídias em sala de aula como instrumento de letramento, como plataforma de transmissão de conhecimento à distância ou enquanto recurso para leitura crítica da mídia. Na seara da educação não-formal e da informal os focos geralmente estão na capacidade do uso de mídias promover socialização e formação em diversos âmbitos: para a cidadania, para a justiça social, para direitos, para a liberdade, para a igualdade, para a democracia, pelo exercício das diferentes culturas, entre outras formações do indivíduo para a vida em sociedade. Devido aos processos da educação informal e principalmente da não-formal serem fortemente influenciados ou gerados por coletivos da sociedade civil organizada nos quais é predominante o sentido de bem comum e da participação horizontalizada, e também pela dificuldade de acesso aos veículos de comunicação de massa, o tipo de comunicação mais desenvolvido para promover educação não escolar é a popular, alternativa ou comunitária, três vertentes de uma forma de fazer comunicação por, para ou com as classes subalternas, com vistas a reverberar o pensar e falar dos segmentos

excluídos da população que estão mobilizados tanto por questões básicas de sobrevivência quanto por necessidade de participação política, segundo Peruzzo (2006). A comunicação, nesses casos, está relacionada à educação popular, a qual é entendida por Brandão (2006) pelo prisma de quatro vieses: como forma de transmissão de conhecimento das comunidades primitivas anteriores à divisão e hierarquização do saber; como ensino público voltado à classe trabalhadora; como educação construída pelas classes populares por meio das entidades trabalhistas ou associativas e como educação de uma sociedade igualitária. Excetuando-se a segunda categoria, as demais têm em comum a convicção de que uma educação popular não deriva de políticas compensatórias e deve extrapolar a sala de aula, sendo desenvolvida principalmente no bojo das práticas sociais e no processo de busca de transformação da sociedade a partir da valorização dos saberes populares. Daí a interface natural entre educação popular e comunicação popular/alternativa/comunitária, pois ambas têm em comum o objetivo de dar a conhecer e fortalecer experiências e conhecimentos de grupos marginalizados.

Compreender os diferentes usos e apropriações dos meios nos variados formatos de educação é tarefa necessária porque, como lembra Sodré (2012), a escola é uma forma, o ato de educar está para além dos conteúdos, saberes e técnicas, ele encarna-se e deixa marcas na transmissão cultural que efetua na modalidade espaciotemporal, ou seja, na sua forma de educar. No Brasil, as pesquisas que tratam da comunicação e da educação associadamente se voltam para os contextos de dentro e de fora da escola. Esse trabalho apresenta dados resultantes de pesquisas sobre o estado do conhecimento nos campos da educação e da comunicação, a fim de obter um panorama de como se comporta o estudo sobre esses processos no ambiente escolar. Por estado do conhecimento, ou estado da arte, entenda-se “um estudo descritivo da trajetória e distribuição científica sobre um determinado objeto (...) que não se restringe a analisar a produção, mas analisa-la, categorizá-la e revelar os múltiplos enfoques e perspectivas” (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014, p.171-172). Para realizar esse trabalho, utilizei três estudos de revisão com diferentes abordagens, a fim de obter um cenário abrangente sobre o assunto em relevo.

1. Interfaces da relação comunicação-educação

Compreender o cruzamento dos referenciais simbólicos da mídia com os modelos tradicionais de ensino da educação formal requer, primeiramente, destacar o papel da instituição escolar e dos meios de comunicação nas relações sociais forjadas pelo mundo do capital, pois como destaca Baccega (1998), estes meios são os maiores responsáveis pela circulação de formas simbólicas mercantilizadas e as escolas, segundo Martin-Barbero (2014, p. 25-26) continua “fabricando homem-série que nunca vai além dos modelos estabelecidos e cuja máxima aspiração é adaptar-se”, sendo as duas instâncias – escola e mídia - partes da estratégia capitalista de acomodação social.

Uma percepção crítica da onipresença dos meios de comunicação da qual o ambiente escolar não escapa, ao lado do reconhecimento da função dos modelos educacionais na manutenção das relações de produção mercantilista, pode orientar educadores a um uso menos instrumental e mais estratégico das mídias na escola, a pensa-las menos como meio e mais como fim, conforme sugere Martin-Barbero (2014), ou, como avalia Kaplún (2002), uma educação que perceba a comunicação não como simples instrumento auxiliar, mas como componente pedagógico e metodológico básico a serviço não apenas do ensino, mas também da aprendizagem. Significa perceber a premência de um redesenho da educação formal que assuma um compromisso de criticidade quanto às redes tecnocomunicacionais que sustentam os arcabouços culturais, pois a relação mídia-educação supera o domínio de formatos e técnicas produtivas de linguagens e códigos, alcançando os “saberes-sem-lugar-próprio” definido por Martin-Barbero (2014) como resultante do descentramento das formas de transmissão e de circulação de saber, de maneira a construir espaços de socialização baseados na identificação com visões de mundo projetadas pela mídia. Assim, como acredita Citelli (2009), a aproximação dos discursos pedagógicos e da gestão educacional dessa questão central que é o impacto da mídia na formação social pode ampliar o alcance da escola para além do preparo ao mundo do trabalho.

O estudo da relação mídia-sociedade é sugerido nas Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2013) como abordagem transversalizada no ensino médio. Em tese, uma sugestão adequada, já que o campo comunicação/educação é multi e transdisciplinar, reunindo diferentes saberes que ajudam a compreender a trama complexa de produção de significados pela mídia (BACCEGA, 1999). No entanto, essa abordagem transversal dificulta a dedicação ao tema devido às exigências programáticas de conteúdo nos currículos. Ao se desobrigar a abordagem do tema em disciplinas

específicas, permite-se que o assunto possa passar ao largo do ensino na educação formal, restando ser abrigado em projetos extraclasse, a exemplo do programa Mais Educação – que, criado em 2007 a partir de articulação entre movimentos sociais e o governo da época, apoiava oito áreas de formação da cidadania, entre elas atividades de contraturno na área de comunicação, tais como instalação de rádio e jornal escolares. Esse programa foi suspenso pelo atual governo³ e em seu lugar implantado um novo, com foco exclusivo no reforço em português e matemática⁴. A recente reforma do ensino médio também deixa dúvidas quanto ao futuro da relação comunicação-educação na educação formal⁵.

A despeito das incertezas geradas no contexto político brasileiro atual, o educador – segundo Citelli (2009), termo surgido na década de 1980 e bastante utilizado nos debates promovidos pela UNESCO, tendo sido Mário Kaplun um dos maiores incentivadores de seu uso – tornou-se um personagem atuante nas universidades e nos movimentos sociais como articulador das duas áreas. Soares (2011) avalia que desponta no Brasil a quinta geração de educadores, formada por crianças e jovens oriundos de projetos desenvolvidos por ONGs e escolas. As gerações anteriores seriam: a primeira, formada pelos precursores que trouxeram importantes reflexões teóricas sobre o tema, tais como Paulo Freire e Mario Kaplun; a segunda geração teria sido representada por pesquisadores da UNESCO e do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, na década de 1980; a terceira seria de profissionais atuantes no terceiro setor, no início do atual século; e a quarta geração formada por universitários que contribuem hoje para a disseminação do conceito de educação. A criação de cursos de graduação nessa área⁶ e o surgimento de grupos de pesquisa que tratam da interface entre comunicação e educação contribuem para o fortalecimento das discussões e de projetos nessa área híbrida, multi e transdisciplinar que pesquisadores buscam firmar como um novo campo, um espaço teórico que, de acordo com Baccaga (2009), fundamenta práticas de construção da cidadania dentro e fora da escola, entre elas a leitura crítica dos meios, a formação do professor para o uso destes, a tecnologia de educação à distância e principalmente a

³ Disponível em <http://educacaointegral.org.br/reportagens/governo-temer-interrompe-recursos-programa-mais-educacao-em-2016/> acesso em 25 abr 2017

⁴ Programa Novo Mais Educação, disponível em <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao>, acesso em 25 abr 2017

⁵ Disponível em <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/02/16/sancionada-lei-da-reforma-no-ensino-medio> acesso em 25 abr 2017.

⁶ Atualmente, os cursos de Licenciatura em Educação da USP e bacharelado em Comunicação Social/Educação da UFCG, ambos criados em 2009.

consciência de que os veículos de comunicação estão, ao lado da escola, entre os principais e decisivos agentes de socialização.

2. A educação formal segundo o estado do conhecimento em comunicação e educação

Tomo aqui três pesquisas sobre o comportamento do campo comunicação e educação, a fim de capturar dados no âmbito do contexto escolar. A dissertação de mestrado de Tatyane Pereira de Moraes, “Mídia e educação: um estudo sobre as mídias no GT de Educação e Comunicação da Anped entre 2004 e 2013”, apresentada em 2016 ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás; a dissertação de Alexandra Fante Nishiyama defendida em 2011 na Universidade Metodista de São Paulo, intitulada “Comunicação comunitária e mídia-educação: áreas distintas e convergentes” e a pesquisa realizada em 2005 sobre “Estado da arte da área de educação & comunicação em periódicos brasileiros” desenvolvida por Sônia Cristina Vermelho e Graciela Inês Presas Areu, ambas da PUC Paraná. Considero representativos os trabalhos porque complementares, posto que o primeiro aborda artigos apresentados em grupo de pesquisa na área de Educação, o segundo analisa teses e dissertações nos programas de comunicação e o último se concentra em artigos publicados em revistas nacionais nas duas áreas de conhecimento. Sendo assim, ao cruzar esses recortes distintos, é possível obter um cenário verossímil quanto ao andamento das pesquisas sobre a comunicação nas escolas.

A pesquisa de Sônia Vermelho e Graciela Areu realizou um estudo qualitativo de revistas no período de 1982 a 2002. Após usarem variados filtros, as autoras chegaram ao número de 705 artigos na área de educação e 845 na área de comunicação, fato que sinaliza que, no recorte temporal da pesquisa, houve maior produção científica sobre o tema em periódicos da área de comunicação. Destaco a seguir os resultados que contribuem com nosso objetivo de conhecer a produção sobre a educação formal. Primeiramente, as autoras verificaram que houve um aumento significativo de publicações envolvendo a temática comunicação-educação a partir de meados da década de 1990. Na avaliação destas, isso pode ter sido motivado por: 1) Nova LDB; 2) Barateamento de equipamentos de tecnologia digital; 3) Criação de GTs na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - Anped e

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom e 4) Maior acesso a publicações de autores estrangeiros sobre a temática. Outro dado relevante é que, no período analisado, a região Sudeste lidera a produção científica, com 65,1% das publicações; seguida do Sul (com 20,2%); o Centro-Oeste com 8,8% e o Nordeste com 6,0%. As mídias mais citadas são Televisão (19,1%), Mídia Impressa (15,4%) e Informática/Internet/Softwares (25,7%), vale salientar que a Internet começou a ser mais pesquisada a partir de 1996, pois o acesso à mesma no Brasil se deu no ano anterior. Nesse aspecto, chama atenção o pequeno interesse em pesquisar a rádio escolar ou comunitária, posto que esta é uma mídia bastante popularizada e de fácil instalação devido ao baixo custo.

A maioria dos artigos aborda a educação básica (28,8%) e educação superior (25,3%). A educação não-formal representa 9,9%, “a escola, portanto, é o espaço privilegiado das pesquisas” (VERMELHO; AREU, 2005, p. 17). Sobre o objeto de estudo, o mais pesquisado são as metodologias didático-pedagógicas (31,6%), portanto, “um aspecto que caracteriza a produção brasileira é buscar entender, em primeiro lugar, como esses meios estão sendo utilizados em sala de aula ou ainda com preocupações voltadas para a proposição de alguma prática de uso” (VERMELHO; AREU, 2005, p. 16). Em segundo lugar está o objeto “Relação sujeito com a mídia” (26,1%) e em terceiro lugar “Conteúdo da mídia” (24,3%). Os sujeitos mais recorrentes das pesquisas são mídia, professor e aluno, portanto, de acordo com o levantamento das pesquisadoras, o foco da maioria dos estudos é a sala de aula. Quanto à metodologia, a maioria dos trabalhos avaliados trazem pesquisas empíricas, seguida de reflexões teóricas, em segundo lugar estão as pesquisas práticas e por fim, as metodológicas – produção de técnicas e instrumentos. Portanto, “a grande maioria das pesquisas buscavam encontrar no meio social, especificamente nas instituições de ensino, respostas para as problemáticas levantadas” (VERMELHO; AREU, 2005, p. 20).

O trabalho de Nishiyama (2011) analisou qualitativamente 43 estudos sobre as grandes áreas de pesquisa: comunicação comunitária e mídia-educação nos programas de pós-graduação em comunicação, no período de 2000 a 2009. Foi verificada certa equivalência entre a produção nas duas temáticas principais: comunicação comunitária foram 14 trabalhos e em mídia-educação houve 16 trabalhos, os demais trabalhos versavam sobre educomunicação e a relação comunicação-educação, não sendo estes foco principal da pesquisadora. Entre os resultados desse levantamento, vale destacar a

identificação da metodologia como o ponto de divergência entre os dois campos: enquanto o segmento que adota a comunicação comunitária “capacita para educação sobre, com e para as mídias (...) a mídia-educação pode trabalhar as três formas (sobre, com e para), mas também apropriar-se apenas de uma delas” (NISHIYAMA, 2015, p. 530). Segundo a autora, os trabalhos analisados demonstraram que há desconhecimento por parte dos professores sobre como fazer comunicação, operar os veículos, fato que induz a maioria a se concentrar na leitura crítica dos meios, ou seja, nas escolas a tendência é educação sobre as mídias e não com ou para elas, fato que pode dificultar o acesso dos jovens aos meios de comunicação, a passar de receptores à emissores de mensagens, seja em meios de comunicação alternativa/comunitária, seja buscando espaço em veículos de grande abrangência. Vale ressaltar que essa percepção se deu em pesquisas de estudo do uso de meios de comunicação na escola, não as chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs, as quais têm como principal suporte computadores em rede, com o fim de armazenar e compartilhar informações no processo de ensino-aprendizagem.

Visitando os estudos de Tatyane Morais sobre a abordagem das mídias em 190 trabalhos apresentados na Anped entre 2004 e 2013, verificamos que os mesmos estavam vinculados a 61 instituições de ensino superior, vinham em maioria da região Sudeste (46%), seguido da região Sul (37%), Nordeste (11%), Centro-Oeste em minoria (6%) e Norte não apresentou trabalhos nessa temática no período avaliado. Quanto à instância educativa em que foram realizadas as pesquisas, quase a totalidade delas estavam relacionadas à educação formal (88%), enquanto que a educação não-formal foi abordada em 9% dos trabalhos (em 3% deles eram fundamentalmente teóricos e não se reportaram a nenhuma instância específica). Esse dado vai ao encontro das pesquisas anteriormente citadas e corrobora o interesse da academia em compreender os fenômenos relacionados ao uso da mídia no ambiente escolar. Já o nível de ensino mais estudado com relação à mídia-educação foi o superior, principalmente a graduação, seguida de formação continuada e pós-graduação. No primeiro grupo (graduação) o tema mais visitado foi a função das mídias e de seus produtos, seguido da pesquisa sobre uso de Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs no ensino à distância. Esse recorte das TICs também é o objeto mais abordado no contexto de cursos de pós-graduação. Interessante observar a mudança de prisma nas pesquisas no âmbito da

educação básica, onde pesquisas se debruçam sobre o papel das mediações das mídias no ambiente escolar e a relação com a cultura midiática no Brasil.

Ainda segundo o mapeamento dos artigos levados à Anped, Tatyane Morais (2016) verificou que a temática “comunicação e educação” ficou em terceiro lugar na lista de abordagens (9% dos trabalhos) acompanhado do tema juventude e mídia; sendo as TICs o assunto mais abordado (15%), seguido da infância e relação com a mídia (11%). Os temas “formação e prática docente”, “educação à distância – EAD” e “ambientes virtuais de aprendizagem –AVA” também foram recorrentes, os demais trabalhos se distribuíram em estudos de plataformas midiáticas tais como cinema, televisão, jornal impresso, jogo eletrônico, além de cibercultura e relação professor-aluno sob o olhar da mídia-educação. Vale citar que a região Nordeste foi, proporcionalmente, a que produziu maior número de trabalhos sobre as TICs, enquanto a região Sul mostrou maior tendência em pesquisar a relação entre mídia e infância, já a região Sudeste mostrou maior preocupação em analisar a relação entre comunicação e educação numa perspectiva sociocultural – a influência da mídia na sociedade, a relação mídia-educação a partir dos conceitos de pedagogias culturais, a influência da indústria cultural na escola e sociedade etc. Na temática juventude e mídia, a região Nordeste não apresentou trabalhos, indicador que suscita maior aprofundamento sobre o porquê do aparente desinteresse dos pesquisadores nordestinos sobre o tema, já que o impacto dos meios de comunicação no comportamento dos jovens pode influenciar a relação dos mesmos com a escola.

No que tange à educação formal, a pesquisa indicou que a maioria dos estudos apresentados (74%) são favoráveis às mídias enquanto potenciais espaços educativos e socializadores, reconhecem o papel destas no desenvolvimento de linguagens e interações, constituição de identidades e apoio na leitura crítica do mundo. No entanto, apontam que a maneira como os meios de comunicação são utilizados nas escolas não é totalmente eficiente. Entre os motivos para esse problema, estariam a falta de qualificação dos professores em lidar com as mídias e “o preconceito linguístico, social e cultural por parte dos professores com relação às práticas de leitura e escrita mediadas pelas mídias” (MORAIS, 2016, p. 78). A percepção de crianças e jovens como meio de entretenimento também foi apontado como possível causa da dificuldade das escolas em aprofundar o potencial educacional das mídias.

As pesquisas apresentaram coerência entre si e reforçam os seguintes pontos: 1) predominância de estudos tendo como *locus* a escola; 2) preferência por pesquisas empíricas, principalmente estudos de caso; 3) tendência a observar o uso das mídias como instrumento de ensino, principalmente das tecnologias de informação e comunicação. Esse último aspecto permite identificar no perfil da pesquisa no campo da comunicação/educação no Brasil a adoção de visão predominantemente tecnicista da comunicação, tendência que pode dificultar a compreensão do papel das mídias na formação sociocultural, no caráter educativo dos veículos de comunicação populares/alternativos/comunitários e no potencial formativo cidadão da mídia quando os fluxos destas são horizontalizados. Vale destacar que a maior ocorrência desse recorte com visão instrumentalizada da comunicação, no período das pesquisas supracitadas, não é unânime em todas as regiões, pois enquanto a maioria dos estudos realizados na região Nordeste avaliam o uso das TICs em educação à distância ou em sala de aula como recurso de ensino, parte considerável das pesquisas na região Sudeste e Sul voltaram-se para a influência da mídia na escola e na sociedade. As razões dessa tendência não foram vislumbradas nas pesquisas, pois fugiam aos objetivos das mesmas. Fica, portanto, a possibilidade de novos estudos que busquem compreender se esse quadro permanece e, em caso afirmativo, o motivo da aparente preferência dos pesquisadores pelo paradigma informacional em detrimento da comunicação educativa defendida por Kaplún (1999), aquela embutida nos processos ocorridos dentro e fora da escola que têm a comunicação como componente pedagógico e se propõe a desenvolver nos educandos a habilidade de romper o silêncio, de buscar a participação cidadã e a interlocução com o mundo.

Considerações finais

A porosidade dos campos de saber multi e interdisciplinares pode torná-los tão complexos quanto frágeis. Nesse breve apanhado de pesquisas sobre o estado de conhecimento do campo comunicação/educação, foi possível perceber tanto a riqueza e relevância dos estudos como os desafios impostos aos mesmos no intento de compreender processos educomunicativos sob o prisma de um olhar plural, que apreenda peculiaridades da educação e da comunicação. Trabalhar a interseção das duas áreas, a fim de transitar entre elas como em um só campo, requer vigilância

epistemológica para não incorrer em reducionismos danosos à compreensão da relação mídia-educação. Daí a pertinência da criação de grupos de pesquisa e de trabalho que permitam a socialização dos trabalhos em comunicação e educação, pois estes espaços, além de consolidarem um novo campo, promovem o compartilhamento de reflexões teórico-metodológicas que é fundamental para aprimorar pesquisas nas graduações e programas de pós-graduação de ambas as áreas.

No tocante ao cruzamento das pesquisas sobre o estado de conhecimento de estudos em comunicação e educação, tendo como foco os dados sobre a educação formal, nota-se o maior interesse por fenômenos ocorridos na escola e com a relação professor-aluno-mídia, dando ênfase ao caráter utilitário das mídias. A julgar pela atualidade das pesquisas analisadas - a mais antiga tem pouco mais de uma década de realização, pouco tempo para mudanças epistemológicas significativas - acredito que esse cenário não tenha sofrido grandes mudanças. Sendo assim, a visão ainda predominante dos meios de comunicação como instrumentos complementares de ensino vai de encontro à concepção de educação comunicativa que contribui para romper a cultura do silêncio dominante na sociedade e que se reflete na instituição escolar.

Por fim, importante reafirmar a contribuição das pesquisas aqui apresentadas para a compreensão das concepções, métodos e reflexões teóricas norteadoras da construção do conhecimento sobre o lugar da comunicação nos processos educacionais.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Educação e Emancipação. Tradução de: Erziehung zur mundgkeit, vortrage und Gesprache mit Hellmut. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

BACCEGA, Maria Aparecida. A construção do campo comunicação e educação. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, p. 07-16, jan/abr 1999.

_____. Maria Aparecida. Campo Comunicação/Educação: mediador do processo de recepção. In: BACCEGA, Maria Aparecida; COSTA, Maria Cristina Castilho (orgs). **Gestão da comunicação: epistemologia e pesquisa teórica**. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

- CITELLI, Adilson. Comunicação/Educação: situações. In: BACCEGA, Maria Aparecida; COSTA, Maria Cristina Castilho (orgs). **Gestão da comunicação: epistemologia e pesquisa teórica**. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 22 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 29 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- FREINET, Celestin. **A educação do trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- GIROUX, Henry A. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional**: novas políticas em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- _____, Henry A. **Pedagogia Radical**: subsídios. Tradução de Dagmar M. L. Zibas. São Paulo: Cortez, 1983.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>. Acesso em 24 abr 2017.
- KAPLÚN, Mario. **Una pedagogia de la comunicación** (el comunicador popular). La Habana: Editorial Camino, 2002.
- KAPLUN, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 14, p. 68-75. jan/abr 1999.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MORAIS, Tatyane Pereira de. **Mídia e educação**: um estudo sobre as mídias no GT de Educação e Comunicação da Anped entre 2004 e 2013. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação (FE). Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia, 2016.
- NISHIYAMA, Alexandra Fante. Comunicação comunitária e mídia educação: áreas distintas e convergentes. In: PERUZZO, Cicilia Maria Krohling; OTRE, Maria Alice Campagnoli (orgs). **Comunicação Popular, comunitária e alternativa no Brasil**: sinais de resistência e de construção da cidadania. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015.
- PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 14, p. 205-228, jan/abr 1999.
- SANTOS, Maria José dos. **Sociabilidades**: deslocamentos em fluxos nos usos de tecnologias digitais por alunos de duas escolas públicas de São Luiz (MA). Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Natal, 2016.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo: Paulinas, 2011.
- SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação**: diversidade, descolonização e redes. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VERMELHO, Sônia Cristina; AREU, Graciela Inês Presas. Estado da arte da área de educação e comunicação em periódicos brasileiros. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93. p 1413-1434. 2005.

VOSGERAU, Dilmere Sant'Anna Ramos; ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Revista Diálogo Educação**, Curitiba, v.14, n 41, p. 165-189, jan/abr 2014.